

## DE CAMINHO DE BRITA, CAPIM COR-DE-ROSA E IGREJA DOS MORRINHOS

**D**e cima do pequeno outeiro, a igrejinha do Senhor do Bonfim contempla a cidade e as mudanças que sofreu, ela própria muito diferente da primeira e minúscula capelinha, construída em 1886 por D. Germana Maria de Olinda, cujos ossos repousam em seu interior.

Testemunhou o preenchimento pouco planejado dos espaços vazios da colina e da cidade. Viu o romântico caminho de brita, ladeado de capim cor-de-rosa e que serpenteava morro acima, ser ocupado por construções e o acesso à Igreja ser deslocado para a parte posterior do morro.

A história da capelinha pode ser contada por ciclos.

Embora inaugurada festivamente em 14 de setembro de 1886 pelo padre Manoel Ribeiro Assunção, ficou abandonada por 60 anos, durante os quais sofreu apenas uma reforma em 1930, o que evitou a degradação total de

sua estrutura. Em 1946, quando da extensão dos trilhos da rede ferroviária até Monte Azul, o engenheiro-chefe, encarregado dos trabalhos, atendendo solicitação de senhoras rotarianas, promoveu uma restauração, reformando o antigo cruzeiro e construindo um pedestal para o Cristo Redentor, retirando-o da torre onde fora colocado na reforma de 1930.

Meus pais mudaram-se para a Melo Viana em 1944. Podia-se contar nos dedos as escassas casas, não só na rua como no bairro todo. Provenientes da Praça da Matriz, acostumados à vizinhança da igreja e suas celebrações, logo se interessaram pela igrejinha restaurada que continuava abandonada. Em 1947, minha mãe, Maria Guimarães, e sua amiga Mariquita Maia, que, aliás, morava “lá em baixo” na rua Dr. Veloso, puseram-se em campo para equipar a Igreja com santos, móveis e bancos, toalhas, paramentos e demais objetos litúrgicos necessários. Saíam todas as tardes, religiosamente, de porta em porta, visitando casas comerciais e casas de amigos, a



pedir donativos. E foram comprando o necessário, mandando vir de São Paulo aos poucos, à medida que o dinheiro ia entrando. A partir daí começaram a pressionar Marcos Van In e Mosenhor Osmar de Moraes Lima, este à frente da diocese desde a morte do bispo Dom Aristides Porto, pois a capela precisava de um padre para os serviços religiosos.

**P**or sorte, chega à cidade, recém-ordenado pelo seminário de Jaú, padre Humberto – Adherbal Murta de Almeida (naquele tempo usava-se mudar os nomes de batismo quando da ordenação). Dotado de grande idealismo, inteligência e entusiasmo, o jovem padre transformou a capelinha no centro religioso da cidade, para onde se deslocava a população dos quatro cantos dela, para participar das novenas e procissões, missas e leilões.

Fundou a Cruzada Eucarística de crianças, o Corinto Santa Terezinha (depois dividido em três grupos de 20 meninas – uniforme grená, verde e azul – e que cantava em latim missas completas, ladainhas e Te Deums), assim como a Irmandade de Santa Terezinha para as moças.

**A**s festas do Senhor do Bonfim, São Geraldo, São José e Santa Terezinha eram precedidas de novenas e finalizadas por procissões iluminadas por velas e que serpenteavam pela encosta.

No mês de maio, depois do terço e ladainha cantada, havia coroações todas as noites. Eu estava lá sempre, com meu camisolão de cetim cor-de-rosa, guarnecido de casinhas-de-abelha e arminhos, as asas de penas de galinha, cantando no maior entusiasmo, muito bem ensaiada por Clotilde Costa (Coló). Eu também fazia parte do Corinho Grená. Ilda, filha de Cula Mangabeira, nos acompanhava aos ensaios das quintas-feiras feitos, na maioria das vezes, pelo seminarista Joaquim de D. Ana, eternizado como Padre Tiãozinho, na capelinha de Nossa Senhora Aparecida, ao

lado da “Casa das Pobres” e do Seminário Premostatense. Parece-me vir daí o despertar do interesse que me levou, depois de anos como pianista, a optar pelo canto coral e obter tantas alegrias numa profissão que me realiza.

**A** equipe de trabalho na igreja era invejável e o braço direito de mamãe e padre Humberto passou a ser Coló, sempre prestativa com sua bondade e disposição. Os paroquianos adoravam o dinamismo e idealismo do jovem sacerdote e, como escrevi certa vez, aposto que muitos o confundiam com os santos do altar.

Leonel Beirão de Jesus era o leiloeiro e gritava os lances no maior entusiasmo, intercalando-os com momices, brincadeiras e inconveniências verbais que divertiam a platéia e a criançada. Meu pai era o escrivão; fazia a escrita das doações e coletas e anotava os fiados para serem cobrados por “Seu Santo”. Seu Vicente Ferreira Borges tocava o harmônio, que tinha sido doado por Levi Pimenta.

Foram cinco os anos-de-ouro da capela, anos que, como aconteceu comigo e meus irmãos, iluminaram nossa infância e alicerçaram nossa vida, com exemplos de bondade, trabalho, amor e doação.

**E**m 1953, Padre Murta foi transferido para Monte Azul. O padre designado para substituí-lo encontrou paroquianos frustrados, sem cooperação. Nada foi como dantes e a igreja voltou ao abandono, só retornando suas atividades com a designação do Padre Inácio Terez que promoveu aumento de sua área interna e construiu o Salão Paroquial, onde hoje se reúnem grupos de trabalhos, como o dos Vicentinos e da Pastoral da Criança. Logo depois foi restaurada, sob o patrocínio da Copasa e Sementes Tolentino.

O pároco atual é o Frei Valdomiro, que celebra as missas aos domingos, realiza casamen-

tos e batizados. É um novo ciclo que começou e o período 47-53 e seu significado passaram a ser guardados somente nas recordações daqueles que dele fizeram parte. Para os

demais, a igrejinha é apenas um acidente geográfico na paisagem da cidade e sua história, uma lembrança esquecida de um passado distante.

*A Capelinha dos Morrinhos*  
*Valsa Serenata*  
*Letra e Música: Dulce Sarmento*

A Capelinha de minha terra,  
Quanta beleza, ente se encerra;  
Bem lá do alto, vendo a cidade,  
Tua lembrança, só mostra saudade  
Ó Capelinha de mina terra  
Quanta beleza em ti encerra!  
Ó Capelinha, lá dos Morrinhos  
Tu dá abrigos aos passarinhos,

Se a noite é clara, se faz luar  
Geme a viola e nos faz corar!  
Longe de tudo, terna morada  
Visão serena e abençoada  
Se a lua cheia brilha no céu  
És como noiva, em lindo véu...  
Ó Capelinha de minha terra,  
Quanta beleza, em ti se encerra!



---

REFERÊNCIA

“Montes Claros, sua gente, seus costumes”, de Hermes de Paula.